



DESAFIOS E OPORTUNIDADES DE UMA FILEIRA EM ASCENSÃO

Amêndoa, noz, avelã e pistácio têm tido um assinalável aumento de áreas plantadas em Portugal, fazendo com que os frutos secos nacionais se tornem cada vez mais competitivos nos mercados internacionais. Desde 2020, temos a balança comercial da amêndoa positiva e a noz para lá caminha.

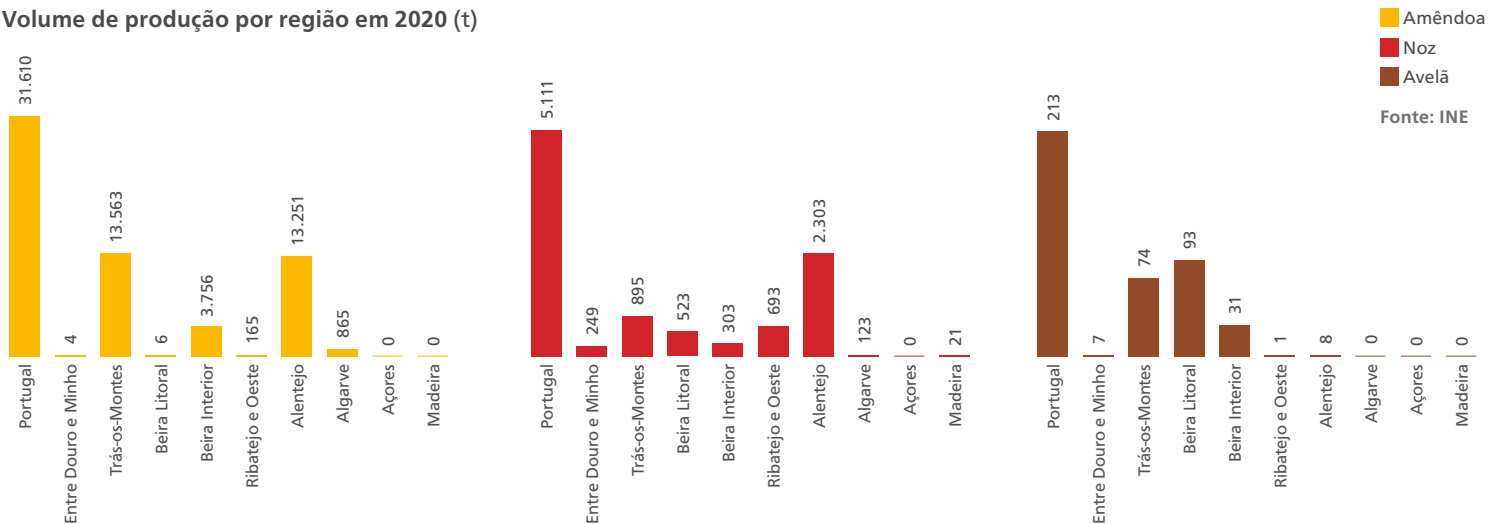
Ana Gomes Oliveira

Os frutos secos têm feito um percurso de crescimento e, face à expansão que têm tido em Portugal, apresentam-se como culturas de oportunidade, que poderão conquistar ainda mais mercados. Os amendoais em produção intensiva que se têm instalado no nosso País, nomeadamente no Alentejo, colocam a amêndoa num lugar de destaque na fileira dos frutos secos, onde este produto consegue já um expressivo posicionamento. A noz também já ganhou o seu espaço, com possibilidades de maior dispersão e valorização, e a avelã, a par do pistácio, aguarda a entrada em “velocidade cruzada” face às novas instalações dos últimos dois anos. A produção de frutos secos em modo biológico tem sido bastante valorizada e quase toda escoada para o mercado externo.

Para nos fazer um balanço da fileira, falámos com Albino Bento, vice-presidente do Centro Nacional de Competências de Frutos Secos (CNCFS).

O sector tem mostrado um dinamismo muito forte, que se reflecte em novas plantações em todas as culturas. Os dados são avançados por Albino Bento. «Nos últimos anos verificou-se um aumento de área plantada de frutos secos na ordem dos 50% (entre 2014 e 2021). A amêndoa aumentou acima dos 20 mil hectares (ha), além da castanha, que aumentou 10 mil ha [sobre a castanha, ver a partir da pg. 74]. Só nestas duas culturas estamos a falar de um aumento na ordem dos 50 mil ha instalados. Na noz também aumentámos de 3 mil ha para quase 5.500 ha e na avelã também aumentou muito.

Volume de produção por região em 2020 (t)



Tínhamos uma área muito reduzida, cerca de 300 ha, e em 2021 aumentámos, andando agora muito próximos dos 1.500 ha; e mesmo no pistácio teremos subido quase de zero para 1.000 ha. Portanto, são números que reflectem bem a dinâmica da fileira.»

Volúmenes de produção

No que diz respeito à produção, na amêndoa verificaram-se situações diversas. Em zonas de quotas mais baixas, próxi-

mas de ribeiros, sobretudo em Trás-os-Montes, a produção foi muito fraca, porque na altura da floração estas plantações foram afectadas por geada. Já nas zonas mais de encosta registam-se produções muito boas, nomeadamente no Alentejo, com aumentos de volumes muito significativos face ao ano anterior. «O ano passado produzimos acima de 30 mil toneladas de amêndoa em casca, e este ano garantidamente vamos fechar acima de 40 mil», afirma o responsável do CNCFS. «Recorde-se que há seis anos a produção de

AS NOSSAS SOLUÇÕES
RECUPERAR A SAÚDE DO SOLO



ORGANIA
Humifuerza

FERTILIZANTE NPK ORGANOMINERAL
COM CARBONO ORGÂNICO



REGENERAM A FERTILIDADE DO SOLO



MELHORA A IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA CULTURA

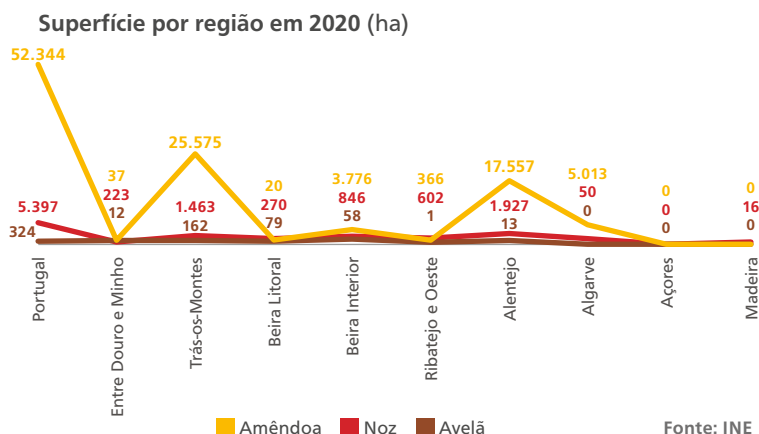


AUMENTA A QUANTIDADE E QUALIDADE DA COLHEITA



SUSTENTÁVEIS E RESPEITOSOS PARA O MEIO AMBIENTE





amêndoa andaria nas seis mil toneladas. Ou seja, foi uma cultura que teve um grande incremento de área, e cujos pomares estão agora a entrar em plena produção. Além disso, nestes pomares novos estão variedades com um maior potencial produtivo, mesmo em sequeiro», ressalva Albino Bento.

Na noz, este foi um ano normal, «com uma produtividade muito razoável», quer em Trás-os-Montes, quer no Alentejo; e quanto à avelã e ao pistácio, as quantidades são ainda residuais. «Apesar de nos últimos dois anos terem aumentado bastantes áreas, são culturas com entrada em produção bastante mais demorada.»

Preços

A amêndoa começou com preços relativamente bons, «com valores interessantes», que recentemente baixaram. «Ainda não se consegue perceber o comportamento daqui para a frente, nas penso que os preços poderão vir a aumentar ligeiramente, até porque o custo do transporte marítimo está muito elevado e a amêndoa americana vai perder um pouco de competitividade na exportação para a Europa», defende. Na noz e na avelã não se verificaram grandes oscilações de preço face à campanha anterior, mantendo-se «razoáveis».

Biológico vale quase o dobro

Em qualquer destes frutos, sobretudo na amêndoa e na avelã, os preços sobem substancialmente quando produzidos em biológico. «Há aqui uma oportunidade clara, sobretudo para os pomares de sequeiro, com menos *inputs* de fertilizantes e água, onde é possível ter produção biológica uma vez que a pressão dos inimigos dessas culturas é menos intensa. Estamos a falar de uma valorização muito boa, que anda muito próximo do dobro do preço do fruto produzido em convencional e atractivo sobretudo para exportação no mercado europeu.»

Pragas e doenças

Apesar da evolução que se tem verificado nas práticas produtivas, as ameaças estão aí. No caso da amêndoa, e mais na região Norte, a “dor de cabeça” recai na moniliose, surgindo também um pouco de mancha ocre que, no entanto, «é relativamente fácil de combater». Já no Alentejo, as atenções viram-se para a

antracnose, que também afecta a noz. «Por enquanto, a avelã não tem grandes problemas fitossanitários.»

Balança comercial positiva na amêndoa

Os frutos em modo de produção biológico escoam quase na totalidade para os países do Norte da Europa, como Alemanha e Dinamarca. Destino este para onde segue também quase toda a avelã nacional. «Dos frutos secos (considerando também aqui a alfarroba), tínhamos balança comercial positiva na castanha e na alfarroba. Mas desde 2020, temos também balança comercial positiva na amêndoa, resultado dos bons dados das exportações. A noz vai pelo mesmo caminho e estou convencido que dentro de dois ou três anos teremos também balança positiva neste fruto, por causa de ter maior potencial produtivo», avança o vice-presidente do Centro de Competências.

Ajustar as dotações de rega

A água é determinante para todo o sector agrícola e nesta fileira não é excepção. «Diria que é o factor mais importante na zona Norte. Já no Alentejo, os grandes desafios que se impõem serão as questões fitossanitárias e a falta de substâncias activas homologadas, bem como a necessidade de reduzir as dotações de rega.» Aliás, o Centro de Competências está neste momento a submeter uma iniciativa para o PRR que vai nesse sentido, estudar dotações de rega para que sejam ajustadas e sejam mais eficientes. «Pensamos que a redução, sem grandes perdas de produção, poderá ter benefícios muito interessantes do ponto de vista fitossanitário, pela paragem de crescimento, pelo menor vigor, menos densidade de copas... Enfim, poderia ser um caminho e acreditamos que existe essa necessidade de gerir melhor a questão da água no Alentejo.» ●

PRODUÇÃO MUNDIAL

Os maiores produtores de amêndoa são os EUA, seguindo-se Espanha, Irão, Marrocos e Turquia. Apesar de não liderar na produtividade, Espanha é o país que tem mais área de amendoal. Na noz, a China distancia-se como maior produtor e maior área, seguida pelos EUA, Irão e Turquia, sendo que o Irão tem mais área plantada do que os Estados Unidos. Em termos mundiais, o maior produtor de avelã é a Turquia, seguida de Itália e Azerbaijão.